REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 483

21 DE MAIO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabo de assistir n'este momento a uma das festas mais brilhantes, mais enthusiasticas, mais justas e mais alegres, a que tenho assistido na minha vida: á festa de Fernando Caldeira no theatro de D. Maria.

Ha muito quem diga mal da actual empreza d'aquelle theatro, ha muito quem cite os defeitos que ella tem tido na sua administração e é claro que os hade ter tido, mas eu perdôo-lhe todos esses defeitos, todos esses erros, por essa innovação entre nós, que creio ter sido d'ella, das recitas de auctor.

Estas recitas de homenagem, de festa e de interesse, estas recitas que vieram provar que honra e proveito cabem n'um sacco, são um dos mais poderosos incentivos que se podiam dar á litteratura dramatica nacional.

O premio á melhor peça da epoca, como se fazia d'antes era um incentivo d'accordo mas tinha muitos contras: primeiro o de, ao passo de ser uma gloria para o premiado, para o vencedor, ser ao mesmo tempo uma sensaboria, um despeito para os vencidos: segundo o de se tornar muito difficil na pratica descernir entre peças de valor quasi egual, mas de generos differentes, a qual d'ellas devia pertencer o premio: terceiro o da competencia do jury para o conferir, etc, etc.

Com a recita de auctor todos esses contras desapparecem e as vantagens centuplicam.

Para um ficar alegre, ficar glorioso, não é necessario que outros fiquem descontentes, fiquem desanimados. O incentivo não é só para aquelle que tem a boa sorte de apresentar a sua peça n'um anno em que as peças boas rareiam, é para todos que trabalham e cujo trabalho consegue interter o publico durante quinze recitas.

Depois o premio é só o dinhneiro e a gloria nos noticiarios: a recita de auctor é o dinheiro e ao mesmo tempo a gloria no palco deante de todos, a festa, a alegria a commoção, o enthusiasmo.

Se n'um anno apparecem dez peças boas, essas dez peças tem todas ellas a sua festa: o grande successo d'uma estimula o apparecimento d'outras, o contrario do que se dava com o premio, porque sob esse regime, num grande successo n'uma época era o desanimo, o retrahimento dos outros escriptores, que tendo consciencia das suas forças, sabiam não poder luctar com esse grande successo e então esperavam por epoca menos feliz para a litteratura dramatica para apresentarem os seus trabalhos.

E note-se que n'esta innovação da recita de auctor, até para a empreza ha uma grande vantagem sobre o premio.

Com o premio, a empreza tinha que despender o dinheiro que o constituia, com a recita d'auctor a empreza não despende nada, e até pelo contrario ganha dinheiro.

Quando uma peça no theatro de D. Maria chega o dar 15 recitas, por muito boa que seja está um pouco cançada.

A empreza dá uma recita ao auctor, tirando para si a despeza geral, é claro, e portanto não perde coisa alguma, e pelo contrario ganha, porque essa festa da decima quinta é um poderoso reclamo para a peça, refaz-lhe a novidade, e augmenta-lhe a concorrencia nas recitas immediatas.

E tudo isto vinha eu a pensar por ahi fóra ao sahir da festa de Fernando Caldeira, festa que foi uma apotheose, festa que elle nunca mais esquecerá, e que difficilmente poderá esquecer áquelles que assistiram a ella: festa que foi para o illustre auctor da *Madrugada* uma recompensa triumphal do seu formosissimo trabalho, festa que é para todos que trabalham um santo e poderoso incentivo.

O theatro de D. Maria estava completamente cheio e nos camarotes e na plateia via-se tudo o que ha de mais brilhante no nosso mundo das lettras e do jornalismo.

As chamadas a Fernando Caldeira repetiram-se vezes sem conto com um enthusiasmo indescriptivel e o grande poeta, o glorioso auctor da *Madrugada* recebeu de todos os seus amigos, de todos os seus admiradores, numerosos brindes, alguns riquissimos, todos valiosos por serem uma recordação d'essa noite tão festiva para Fernando Caldeira e para o theatro portuguez.

No seu numero de hoje O Occidente publica uma das mais formosas scenas da *Madrugada*, uma pequena amostra d'essa encantadora comedia que tão grande e justo successo está tendo em Lisboa.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES DO «GREMIO ARTISTICO»

A RAÇÃO — QUADRO DE LUCIANO FREIRE

(Gravura de C. Alberto, segundo photographia)

*
* *

Exactamente no dia da festa de Fernando Caldeira, no dia 19 de maio, o *Diario do Governo* publicou o programma para o concurso á adjudicação do theatro de D. Maria.

Esse programma que se esperava que fosse formulado pela commissão ultimamente nomeada pelo governo para tratar d'assumptos theatraes, não foi e é simplesmente a reproducção do programma dos anteriores concursos.

Apezar porem de ser a copia mais ou menos fiel d'esse programma, o actual tem evidentemente de ser modificado pois, em muitos dos seus artigos, se refere ao conservatorio dramatico, que pela reforma do sr. conselheiro José Luciano de Castro deixou de existir, e passou a ser só conservatorio de musica, e aos alumnos da escola de declamação e arte de representar, escola que foi supprimida pelo decreto do sr. conselheiro José Dias Ferreira, que extinguiu o ministerio da Instrucção Publica e Bellas-Artes.

Em quanto aos concorrentes á adjudicação falla-se já em muitos como tambem se fallou quando se tratou do concurso para o theatro de S. Carlos, mas nada se pode saber ainda ao certo. Voltaremos a fallar d'este assumpto, quando o programma fôr publicado com as modificações que não pode deixar de soffrer.

*
* *

Falleceu ha dias em Lisboa e em circumstancias muito dolorosas, uma actriz muito distincta que era ao mesmo tempo uma santa e virtuosa senhora, e como tal muito querida e muito respeitada por quantos tratavam com ella de perto, a actriz Thereza Aço esposa do nosso amigo o sr. Affonso Taveira, emprezario e ensaiador do theatro do Principe Real do Porto.

Com esta companhia dá-se uma coincidencia lugubre, dolorosa.

No anno passado esta companhia que então tinha por emprezario o applaudido maestro Alves Rente, veiu no verão dar uma serie d'espectaculos a Lisboa, e os seus espectaculos foram interrompidos bruscamente pela morte repentina de Alves Rente, o emprezario.

Este anno a companhia volta cá, a dar umas poucas de recitas, no mesmo theatro — o Real Colyseu — e essas recitas são cortadas de subito pela morte da esposa do novo emprezario o sr. Taveira.

Se este caso se desse com o Brazil que panico não iria já ahi nas companhias dramaticas.

*
* *

A actriz Thereza Aço era natural de Silves, no Algarve, e fôra no Algarve, no theatro *Lethes* de Faro que fizera as suas primeiras armas.

Muito intelligente, muito formosa muito nova então, ha 17 annos e dotada de grande vocação artistica Thereza Aço fez uma bella carreira na provincia.

Foi ahi que Taveira, actor muito distincto, a viu e se namorou d'ella como actriz e como mulher.

Casada com elle Thereza Aço veiu para Lisboa e obteve escriptura no theatro de D. Maria onde se estreiou muito notavelmente nos *Burguezes de Pantarey*, e onde fez papeis muito distinctos.

De Lisboa passou ao Porto onde desde então até agora representou sempre com muito applauso papeis de grande reportorio, de grande responsabilidade e em que fazia prova de notavel talento.

A doença grave, que ha annos começou a tortural-a, obrigou a a afastar-se um pouco da scena, onde o seu estado, dia para dia mais melindroso, lhe não permittia já o trabalho assiduo e violento que fazia d'antes.

Ainda assim a distincta actriz nunca abandonou de todo o theatro, e trez ou quatro dias antes da operação a cujos resultados succumbiu Thereza Aço representou no Real Colyseu.

A sua doença tornara necessaria, indispensavel, uma operação cirurgica das mais graves, das mais difficeis, das mais melindrosas.

Thereza Aço submetteu-se a ella com o maior sangue frio.

Não podendo ser operada em casa recolheu-se a um quarto particular do Hospital Estephania e ahi foi-lhe feita com a maior pericia, dizem todos, a operação por um dos mais habeis e afamados operadores de Lisboa.

Correu muito bem essa operação: havia todas as esperanças de salvar a operada mas d'ali a dois dias sobreveio-lhe uma peritonite que a matou quasi instantaneamente sem dar tempo a que se despedisse d'ella o seu extremoso marido, que partiu para o Porto quasi louco de dôr.

O cadaver da infeliz actriz foi transportado no dia immediato ao da sua morte para o Porto, em camara ardente e acompanhado por todos os artistas seus collegas da companhia do theatro do Principe Real.

No Porto foram-lhe feitas pomposas exequias e a desditosa actriz foi acompanhada ao cemiterio por um numeroso cortejo.

Convivemos muito pouco com Thereza Aço mas bastava fallar-lhe uma vez para ficar captivado pelo que havia de bondade de simplicidade nas suas maneiras, no seu tracto e sentimos profundamente a sua morte, que é uma perda artistica importante, que é um lucto crudelissimo para o seu amantissimo marido, a quem enviamos os nossos pezames.

Gervasio Lobato.

MADRUGADA

1.º ACTO

SCENA VI

Lucilla e Thereza
(atravessando lentamente a scena).

LUCILLA

Desfaz-se uma illusão e outra illusão succede.
Parece-te que o sonho ha-de durar-te a vida!
Como t'illudes, filha! Embora te segrede
um sonho tentador, pedindo-te o que pede,
o coração t'illude, ingenua Margarida.

Fausto é uma mentira e uma mentira infame,
porque elle o que te quer é apenas a riqueza.

THEREZA

Mas eu sou pobre.

LUCILLA

Sim, mas elle tem certeza
de que o não és em breve, e, embora te não ame,
eu bem o vejo a urdir... a urdir pacientemente
a finissima têa azul, quasi indizivel,
onde t'espera a aranha immovel, repellente,
ó temeraria mosca, e uma agonia horrivel.

THEREZA

Mas elle ignora tudo e toda a gente o ignora!
Só tu me adivinhaste o meu segredo. Amei-o
quasi sem o saber... cravou-se-me no seio
o seu primeiro olhar... illuminou-me e agora...
Agora não se apaga... Eu sei que não se apaga.

LUCILLA

Illudes-te, verás.

THEREZA

Oh! não m'illudo não.
Dize áquelle arvoredo: «A aragem que te afaga
o tremulo folhame, a aragem é uma illusão;
é á folha que não estremeça
que não murmure o carvalho;
á rosa que empallideça
porque é mentira o orvalho.
Vae dizer ás camponezas
que não cantem aos serões
porque os echos das devezas
são simplesmente illusões.
Dize áquellas andorinhas
que não façam ninhos, mais,
porque já, desgraçadinhas,
não ha grutas nem beiraes.
Quando o sol nasce, e vermelho
todo o mar pasmado o admira,
Dize ao mar que quebre o espelho,
que tudo aquillo é mentira...
mas não me digas mais que o sol que m'illumina
em turbilhões de luz os ceus do coração
se ha-de apagar, ai! nunca... Isto é fatal, é sina...

LUCILLA

Illudes-te, verás.

THEREZA

Oh! não m'illudo não.

(Saem, esquerda.)

Fernando Caldeira.

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO GREMIO ARTISTICO

(Concluido do n.º 482)

De entre os restantes expositores na pintura sobresahem o sr. Antonio Baeta com a sua magnifica *Cabeça de velho* e com as suas pequeninas paisagens, de motivo pittoresco e excellente execução; o sr. Adolpho Rodrigues, que apresenta entre outros um bonito quadro de genero representando uma rapariga assando castanhas *A' porta da taberna*, um trabalho que collocou definitivamente o moço artista, ainda alumno da Escola de Bellas Artes, nas primeiras filas dos pintores portuguezes; e o sr. Ezequiel Pereira, que n'esta exposição se estreiou brilhantemente com quatro paisagens que fazem lembrar o seu mestre Silva Porto.

É tambem notavel, e o melhor trabalho que até hoje tem exposto, o *Cego* do sr. Julio Teixeira Bastos, um quadro que impressiona, em que expecialmente as figuras do cego e do seu guia são excellentemente estudadas.

Apresentam-se muito bem o sr. Duarte Machado Faria e Maia, que expõe quatro trabalhos bem estudados e notaveis de execução, em especial a *Entrada da Caldeira de Pero Botelho* e a *Natureza morta*; o sr. João Cabral, que faz tambem uma estreia muito promettedora com os *Bateis* e com a *Canoa da pescada*, de uma bella atmosphera luminosa e transparente; e o sr. Thomaz de Mello, que entre outros apresenta uma bonita marinha — *Margens do Tejo* — em que o céo e as aguas são de uma bella execução.

Do sr. Arthur Prat, que continua a affirmar-se como um artista consciencioso, vendo a natureza por um prisma muito individual, é mais digno de menção o *Trabalho na eira*, em que ha muita observação e que accusa um notavel progresso na factura do artista, um tanto mesquinha nos outros trabalhos.

O sr José Queiroz, apresenta se com trabalhos armados no ar, que fazem vista ao primeiro aspecto, mas sem solidez nem estudo, e que desmentem as esperanças que nos tinham dado os seus trabalhos anteriores.

Uma artista que progride manifestamente é a sr.ª D. Amelia de Carvalho Monteiro. Tanto a *Ceifa* como o *Homem segurando uma vacca* teem coisas notavelmente pintadas, em especial os terrenos de um e outro e a vacca do segundo.

Muito auspiciosa a primeira apresentação das sr.ªs D. Laura Sauvinet, e D. Elisa Burnay em cujos trabalhos ha já bastante largueza de toque, reveladora de boas disposições. São tambem muito apreciaveis a *Torre de S Julião* da sr.ª D. Christina Camacho, o *Cesto de flores* da sr.ª D Germana Patricio Alvares Rodrigues, e os fructos da sr.ª D. Emma Nobre, as quaes todas tres se apresentam tambem ao publico pela primeira vez

E, finalmente, para concluir com a pintura, devo notar:

O Claustro de D. João I (Batalha), do sr. Christino, bem estudado na parte architectonica, mas pouco feliz nas figuras.

Os quadros de natureza morta do sr. José Marçal Brandão, em que é magnifica a execução de alguns objectos, sendo, porém, bastante fraca a do fundo e do chão.

Os tres quadros do sr. José de Almeida e Silva, em que se revela, apezar de uma factura por demais minuciosa e ingenua, um pintor de figura, com qualidades notaveis de observação.

Do sr. Candido Pereira *Um pateo (Funchal)*, muito bonito de tom, e *No Tejo*, de aguas espelhantes, ambos excellentemente executados.

A pequenina paisagem n.º 51 do sr. Antonio Luiz Cardoso, tocada com muita graça e largueza; *Na Tapada da Ajuda* do sr. Galhardo, tambem magnifica de execução; e ainda a *Perna de Pau* do sr. Arthur May, em que os terrenos são excellentes.

E o *Saveiro* da sr. D. Fanny Munró; a *Senhora Sant'Anna* e a *Ponte sobre o rio Alcantara* do sr. Isaias Newton; o *Retrato do sr. Hygino de Mendonça* pelo sr. A. Felix da Costa; os conhecidos gallos do sr. Gyrão; a *Promessa de Florinda* do sr. Eduardo Teixeira Pinto Ribeiro; a *Cozinha rustica* do sr. João Augusto Ribeiro e a *Flor de Mindello* do sr. Antonio Alexandrino da Silva.

*
* *

Em esculptura ha apenas dois expositores: a sr.ª Duqueza de Palmella e o sr. Antonio Augusto da Costa Motta.

Aquella senhora, que ainda recentemente expoz tres notaveis bronzes na exposição realisada no salão da livraria Gomes, entre elles uma magnifica cabeça de preta, enviou á exposição do Gremio um busto de creança, amuada, muito graciosa e trabalhada com muita delicadeza.

O sr. Motta, que já o anno passado expoz tres trabalhos notaveis, e que ha pouco concluiu brilhantemente o seu curso na Escola de Bellas Artes, apresenta o *Remorso*, que, pela naturalidade da *pose*, pela propriedade da expressão, e pela perfeição do modelado, é um trabalho magnifico, que revela um artista de talento, a quem de certo está reservado um futuro brilhante.

*
* *

Na architectura expõem o sr. Leonel Gaia e Augusto Carvalho da Silva Pinto, aquelle um projecto de bibliotheca publica em estylo moderno e este um projecto de cathedral em estylo renascença; trabalhos esses em que os dois artistas patenteiam manifesto aproveitamento das lições do seu mestre, sr. José Luiz Monteiro, o distincto professor da Escola de Bellas Artes e architecto da camara municipal de Lisboa.

*
* *

Na pintura a pastel distinguem-se el-rei sr. D. Carlos com as suas bellas marinhas e o sr. Antonio Ramalho com os seus retratos.

O sr. D. Carlos, que na primeira exposição do gremio apresentou aguarellas de amador, agora mostra-se um verdadeiro artista. Os seus pasteis são bellas obras d'arte, perfeitamente entoados, de impressão justa e execução primorosa, — especialmente o grande, em que as aguas e o ceu são de uma bella transparencia, e o da esquerda, em que o Tejo entra pelas margens alagadiças, magnifico de côr local.

Primorosos tambem os dois retratos de senhora pintados pelo sr. Antonio Ramalho, admiraveis de modelado, de uma frescura de carnações verdadeiramente surprehendente.

Entre os restantes trabalhos a pastel destacam-se as *Flores* da sr.ª D. Luiza Almedina, em que ha algumas coisas excellentes, como as duas rosas da jarra á esquerda e a rosa amarella que está cahida.

*
* *

Na aguarella tem o logar d'honra o sr. Roque Gameiro, cujos trabalhos, pela execução superior e pelo estudo consciencioso dos assumptos, fazem d'elle o nosso primeiro aguarellista.

Todos os seus trabalhos são magnificos, mas em especial as suas *Rosas*, admiraveis de frescura, e a *Ponta dos Corvos (Seixal)*, flagrante de verdade, são trabalhos de primeira ordem.

Figuram tambem na exposição algumas aguarellas do fallecido artista Ricardo Hogan, trabalhos muito feitos de chic, falsos de tom, mas agradaveis *quand même* pela graça da composição, pelo aspecto brilhante, de uma vida ficticia, mas intensa, e sobretudo notaveis pela *virtuosidade* da factura, extremamente habil e *primesautière*.

Distinguem-se especialmente entre os seus trabalhos o *Parque Monceau*, vibrante de côr, a *Salerosa*, e *No tempo do Directorio*, em que o grupo da esquerda é tocado magistralmente.

São excellentes os *Barcos no Tejo* do sr. Thomaz de Mello e a *Leiteira* do sr. Adolpho Rodrigues; pouco interessantes as do sr. Antonio Pinto Basto e pouco felizes as do sr. Ribeiro Arthur.

*
* *

Em gouache ha só um *Panno de leque* da sr.ª D. Amelia Delphim, de composição graciosa, e em que uma folha de feto e um ramo de hera são executados excellentemente.

*
* *

Expõem desenhos a carvão a sr.ª D. Emilia Santos Braga — um retrato de senhora, em que a cabeça é bem modelada —; e o sr. Augusto Fratello — quatro estudos de paizagem, que revelam magnificas disposições.

*
* *

Finalmente, na gravura a talho doce ha um expositor, — o sr. Antonio José Nunes Junior, que expõe *A ceia*, reproducção de um quadro attribuido a Raphael, e que, sem ser superior aos seus trabalhos anteriores, revela a aptidão do sr. Nunes, entre nós o unico cultor d'este ramo das bellas artes; e na gravura em madeira só expõe o sr. Manuel Diogo Netto, o distinctissimo artista já honrosamente conhecido das exposições anteriores, e que póde competir com os melhores artistas estrangeiros da sua especialidade, como provam exuberantemente, por exemplo, as duas gravuras feitas para a Casa da Moeda, segundo composição do sr. Baeta.

*
* *

Concluindo esta peregrinação pelos trabalhos apresentados este anno pelos nossos artistas, vê-se que ha progresso evidente, consideravel.

A nossa escola d'arte contemporanea affirma-se dia a dia mais numerosa e mais forte; e desde já podemos dizer que temos artistas para tudo, sem precisarmos de os mandar vir de fóra para coisa nenhuma.

E esta consideração offereço-a eu ao governo que felizmente nos rege — e aos que se lhe seguirem — para que a considerem devidamente em proveito do paiz.

João Sincero.

A INFANTA D. IZABEL DE PORTUGAL

ESPOSA DO IMPERADOR CARLOS V.

Em um codicillo feito por El-Rei D. Manuel, em 11 de dezembro de 1521, recommendou este monarcha o casamento da Infanta D. Isabel, sua filha, com o imperador Carlos V de Allemanha e I de Hespanha.

A recommendação de El Rei D. Manuel cumpriu-se, e a 6 de outubro de 1525 firmou-se em Torres Novas o contracto de casamento da Infanta D Izabel com o imperador Carlos V, o monarcha mais poderoso que então dominava na Allemanha e na Hespanha, estendendo a influencia da sua politica e o poder das suas armas ao mundo inteiro.

Foi sem duvida uma grande honra para Portugal este casamento, mas é bom saber-se que n'aquelles tempos aurios, as mãos das princezas d'estes reinos eram disputadas com empenho pelas primeiras testas coroadas, porque os seus dotes eram fabulosos e a aliança de Portugal tinha a maior importancia na politica de então.

Do primeiro matrimonio de El-Rei D. Manuel com a Princeza D. Izabel de Castella, filha dos reis Catholicos Fernando e Izabel, e viuva do malogrado principe D. Affonso filho de D. João II de Portugal, apenas houve um filho, o principe D. Miguel, que nasceu em Saragoça a 24 de agosto de 1498, morrendo D. Izabel na occasião de o dar á luz.

Foi um casamento desgraçado a principiar pelas condições do contracto matrimonial, cuja principal foi a da expolsão e exterminio dos judeus de Portugal, a acabar no infeliz parto que victimou a rainha terminando ainda por se desfazerem os sonhos dourados de D. Manuel, de reunir á corôa de Portugal a corôa de Castella, com a morte do principe D. Miguel occorrida em Granada a 20 de junho de 1500.

Foi mais abundante em fructos matrimoniaes o segundo casamento de El Rei D. Manuel com a infanta D. Maria de Castella irmã da Princeza Izabel, casamento em que D. Manuel renovava as suas esperanças de reunir as corôas dos dois reinos, esperanças que tambem d'esta vez foram frustradas, vindo perdel-as o nascimento do principe Carlos filho dos principes herdeiros da corôa de Castella D. Joanna, filha dos reis Catholicos Fernando e Izabel, e Filippe, filho do imperador Maximiliano e da imperatriz Maria de Borgonha.

Nasceu o principe Carlos em Gand, na Belgica, a 24 de fevereiro de 1500, e por morte da rainha Isabel, occorrida em 1504, e a do rei Fernando, em 1516, seus avôs, foi proclamado Carlos I de Hespanha e V da Allemanha, por ter passado a corôa de Hespanha para a casa d'Austria [1].

Realisou-se o segundo casamento de El Rei D. Manuel em Alcacer do Sal a 30 de outubro de 1500, depois de firmados os contractos ante nuncios e de obtida a competente despensa do Papa por influencia dos reis Catholicos paes da noiva, pois é sabido quanto era difficil a despensa do parentesco de cunhado.

Tinha então a infanta D. Maria apenas 18 annos de idade, pois nascera, em Cordova, a 29 de junho de 1482.

D'este casamento nasceram dez filhos e foram: o principe D. João, que succedeu na corôa a D. Manuel, acclamado D. João III, os infantes Luiz, Fernando, Affonso, Henrique, Duarte e Antonio; e as infantas Izabel, Beatriz e Maria.

A Infanta Izabel, de que nos occupamos n'este artigo, nasceu em Lisboa a 24 de outubro de 1503 e casou com Carlos V, como ficou dito, e de que era prima direita por parte de sua mãe.

Confirmou-se o contrato de casamento, por procuração, em Almeirim, a 1 de novembro de 1525, sendo Carlos V representado pelo seu embaixador Carlos Popet. Houve por este motivo grandes festas em Almeirim, que duraram até ao fim do anno, e maiores teriam sido, segundo diz o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, se n'esta occasião a morte da rainha D. Leonor tia da noiva, irmã de D. Manuel e viuva de El-Rei D. João II, occorrida em Lisboa a 17 de novembro de 1525, não viesse enlutar a côrte.

Diz o sr. Benevides no seu livro *Rainhas de Portugal*: «Em janeiro de 1526 partiu a joven princeza para Elvas com grande comitiva, fazendo a viagem em liteira até á raia; depois montou em uma linda faca branca, e com luzido acompanhamento foi ao encontro da embaixada que a vinha buscar da parte do imperador, e que se compunha do duque de Calabria, duque de Bejar e arcebispo de Toledo. Celebraram-se as bodas com grande magnificencia em Sevilha, a 1 de março de 1526. [1] Tinha então Carlos V, vinte e seis annos de edade, havendo sido eleito imperador sete annos antes, em 28 de junho de 1519. A imperatriz tinha vinte e trez annos de idade» [2].

Lafuente referindo se a este casamento diz que Carlos V accedendo aos desejos das cortes de Castella se casou com sua sobrinha [3] a infanta D Izabel de Portugal filha do defunto rei D. Manuel, e que este casamento se celebrou com gran-de brilho e ostentação como era de esperar da alegria e gosto que este enlace causou em ambos os reinos.

Reinava então em Portugal D. João III irmão de D. Izabel que a dotou largamente e, como diz o sr. Pinheiro Chagas: [4] o motivo que levou Carlos V, cuja mão tão disputada era pelas mais nobres princezas da Europa, a vir escolher noiva em Portugal, não deixaria de ser o seu opulento dote de novecentos mil cruzados e cem mil em joias e enxoval»

O sr. Benevides diz no livro *Rainhas de Portugal*: «O rei de Portugal deu de dote a sua irmã a somma de novecentas mil dobras de ouro [5], descontando-se vinte e tres mil e sessenta e seis dobras que tinha herdado de sua mãe, cento e sessenta e cinco mil duzentas e trinta e duas dobras e dezesseis maravedis, dote dado por Carlos V a sua irmã, D. Catharina, quando casou com D. João III de Portugal, e mais a quantia de cincoenta e um mil tresentas e sessenta e nove dobras e trezentos e quinze maravedis, emprestimo feito por Portugal a Carlos V no tempo da revolta dos *communeros* em Castella. O imperador deu a sua mulher tresentas mil dobras de arrhas, e quarenta mil dobras para sustento. No caso de separação, ou de fallecer a imperatriz Izabel antes do imperador, e sem filhos, ser-lhe-hia restituido a ella ou a seus herdeiros o dote, tirando a terça parte, da qual livremente poderia a imperatriz sempre dispôr» [6]

Na *Historia de Carlos V* livro XIV, pag. 9 lê-se: Os portuguezes mostraram bem a sua satisfação no facto de haverem dado á princeza Izabel o quantioso dote de novecentos mil ducados. O bispo Sandoval refere minuciosamente as magnificas festas que por causa d'estas bodas se fizeram em Sevilha, e copia e traduz todos os versos latinos que em honra do Cezar se poseram nos arcos triumphaes.

Em Portugal o nosso poeta Gil Vicente, n'um auto representado na corte e perante a comitiva da embaixada de Carlos V, lisonjeou o embaixador Carlos Popet com os seguintes versos:

O senhor embaixador
Do Cesar imperador
Creio que nasceu no ceu;
Qual planeta em seu favor
Foi o que lhe aconteceu? [7]

Teve a imperatriz Izabel dois filhos sendo o pri-

---

[1] Estes e outros dados historicos, que vamos mencionando n'este artigo, encontram-se no bello livro *Rainhas de Portugal* do sr. F. F. Benevides.

---

[1] Lafuente na sua *Historia de España* escreve 11 de março.
[2] Incompletos.
[3] Aliaz prima.
[4] *Historia de Portugal*, vol. IV, pag. 29.
[5] A dobra de ouro equivalia aproximadamente a 3$800 reis da moeda actual. Teixeira de Aragão, *Descripção de moedas portuguezas*, tomo II, pag. 85).
[6] Carta de obrigação do imperador Carlos V, de 26 de abril de 1526. Archivo da Torre do Tombo, gaveta 17, moço 7, n.º 14. Está publicada na *Historia genealogica da casa real*, tomo II das *Provas*, pag. 428.
[7] Auto do *Clerigo da Beira*.

A INFANTA D. IZABEL DE PORTUGAL, ESPOSA DO IMPERADOR CARLOS V

Copia de um quadro existente no Museu de Madrid

meiro o principe Filippe, que nasceu em Valladolid a 21 de maio de 1527 e a infanta D. Joanna, que nasceu no anno seguinte, mas de que não encontramos a data exacta, tendo ainda um terceiro que nasceu sem vida, e do qual morreu.

Por uma irrisão da sorte, foi o principe Filippe o que mais tarde uniu á corôa de Castella a corôa de Portugal, união que seu avô, el-rei D. Manoel, tanto ambicionara para si ou para seus successores.

D. Filippe II de Castella foi o primeiro de Portugal em 1580, e casou com a infanta D. Maria, filha de D. João III de Portugal e de D. Catharina, irmã de Carlos V, pelo que era prima de seu esposo.

Mereceu á imperatriz Izadel grande cuidado a educação de seus filhos, e em especial a do principe herdeiro do throno de Hespanha, o qual, segundo diz Lafuente, foi uma criança muito travessa, o que corobora com a transcrição de algumas cartas de Pedro Gonzalez de Mendonza, aio do principe, dirigidas a Carlos V, quando estava em Italia, e que se conservam no Archivo de Simancas.

Entre outras citaremos o seguinte trecho, que mostra o quanto a imperatriz Isabel seguia de perto a educação do futuro rei e se agastava pelas suas travessuras e procurava corregil-o: «E' tão travesso, que algumas vezes S. M. se enoja deveras e lhe dá açoites com suas mãos, não faltando mulheres que chorem de vêr tanta crueldade.»

Durante as ausencias que Carlos V fazia de Hespanha, empenhado como andava em grandes luctas nos seus vastos dominios, regeu a imperatriz Izabel os negocios internos do paiz, sempre com acerto e a contento do seu povo, pelo que era muito querida dos hespanhoes.

D. Izabel de Portugal, póde dizer-se que occupou a mais elevada posição a que uma princeza se poderia elevar, a de esposa do grande imperador Carlos V.

Morreu muito moça, apenas com trinta e seis annos, em 1 de maio de 1539.

A respeito da sua morte diz Lafuente, na sua *Historia de España* o seguinte a pag. 586, tomo II:

Não havia completado Felippe doze annos, quando teve a desgraça de perder a sua excellente mãe, a imperatriz Izabel que tinha governado com sabedoria o reino, durante a ausencia do imperador Carlos V, da sua famosa expedição a Tunes em 1535. Fallecen aquella magnanima princeza em Tolledo (1 de maio, 1539) ao tempo de dar á luz outro principe, que nasceu tambem sem vida, para maior desconsolo do imperador, do principe, e do reino inteiro, que todos choraram a perda d'aquella prudente e virtuosissima rainha na curta edade de trinta e oito annos ([1]). Até o rei Francisco I. de França, com o ser tão inimigo do imperador, lhe fez umas solemnissimas honras. Sumptuosissimas foram as que se celebraram em Toledo e não com menor pompa foram conduzidos procissionalmente os seus restos mortaes á capella real de Granada, onde aconteceu um caso que bem merece as honras da historia.

Ao abrir se o caixão de chumbo em que ia o corpo da imperatriz, achou-se o seu rosto tão horrivelmente desfigurado e feio, tendo ella sido singularmente formosa, que causou tristeza e espanto a quantos o viram e ninguem se atreveu a affirmar que aquelle fosse o mesmo rosto da imperatriz. O maquez de Lombay, que tinha de fazer entrega do corpo, não se atrevendo a prestar o juramento, na fórma do costume, de ser aquelle o mesmo corpo da imperatriz Isabel, lemitou-se a jurar, que segundo a diligencia e cuidado que tinha posto em conduzil-o e guardal-o, tinha por certo que era aquelle e não podia ser outro. Em seguida pondo-se a contemplar o cadaver da que em vida tinha sido tão amada no mundo: *E é esta*, exclamou, *aquella imperatriz Isabel, tão celebrada por sua formosura, por suas graças, por suas virtudes, governadora de tantos povos, esposa de um Cezar tão grande? E o que é feito d'aquelle explendor do seu rosto, aquelle magestoso conjuncto, aquelle semblante que a fazia parecer um anjo entre as mulheres.* E a contemplação d'aquelle espectaculo ferio tão viva e profundamente a sua imaginação, que ficando a meditar sobre o termo e fim das maiores grandezas da terra, determinou renunciar a um tempo os seus estados, a brilhante posição que tinha na côrte imperial, e todas as pompas mundanas, para vestir o habito de Loyola e entrar na Companhia de Jesus. Este marquez de Lombay, herdeiro do ducado de Gandia, é o que depois d'esta resolução se tornou tão famoso por suas virtudes, que hoje se venera na Egreja, incluido no catalogo dos seus santos com o nome de *S. Francisco de Borja.* ([2])

[1] Aliaz trinta e seis annos.
[2] Historia da Companhia de Jesus — Vida de S. Francisco de Borja, etc.

Os restos da imperatriz Izabel, foram trasladados de Granada para o Escurial em 1574, onde jazem.

Caetano Alberto.

A ILHA DE SANTA MARIA

A ilha de Santa Maria, que hoje aqui apparece representada pela primeira vez em fidelissima gravura, por ser reproducção de um *instantaneo* do distincto professor e illustre parlamentar, o conselheiro José Julio Rodrigues, meu contemporaneo e amigo da Universidade, tendo sido a primeira na ordem do descobrimento dos Açores, foi tambem, escusado é notal-o, de todas a primeira povoada.

Fr. Diogo das Chagas, no *Espelho chrystalino em jardim de varias flores*, chronica manuscripta do archipelago açoriano, trata na 2.ª parte, cap. I, *das ilhas em commum*, e ahi diz que: — «Demoram estas ilhas leste-oeste com a Roca de Cintra, umas mais para o norte, outras mais para o sul, todas vão quasi na mesma esteira, um grao mais, e meio menos, da ilha de Santa Maria que da ponta do Nordeste da ilha de S. Miguel demora ao sul até o ilheo do Corvo, o qual demora tres leguas ao norte da ilha das Flores, que distam umas das outras algumas leguas, como são de Santa Maria.»

ARCHIPELAGO DOS AÇORES — ILHA DE SANTA MARIA

(Segundo uma photographia instantanea do sr. conselheiro José Julio Rodrigues)

No cap. II, que versa especialmente sobre a ilha de Santa Maria, lê-se o seguinte:

«Dão por seu primeiro descobridor a um Gonçalo Velho, commendador de Almourol, estribeiro que foi do infante D. Henrique, e o mesmo querem fosse da ilha de S. Miguel; assim me parece o tem o beato doutor Gaspar Fructuoso.

«Entrou n'ella o dito Gonçalo Velho em 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assumpção, e por isso lhe poz por nome Santa Maria; alguns teem para si que foi no anno de 1432, e assim o trazem por certo e em tradição, o que eu acho não se ajustar com o que digo a fl 104, em que averiguo que o descobrimento d'ellas foi de 1443 por deante, nem por chronicas, e papeis antigos authenticos achei o contrario, mas irei pondo o tempo do descobrimento de cada uma, conforme a tradição que anda, ratificando-me sempre no que atraz digo, porque com muita facilidade se

podia corromper um 4 em 3, e um 3 em 2, e onde haviam dizer 1432 diriam 1432. E' esta ilha de Santa Maria mui fertil, e tudo o que dá é melhor do que os fructos e mantimentos das outras ilhas, e o carneiro d'ella tão bom ou melhor que o do Alemtejo. Tem muito e bom barro, de que fazem toda a sorte de louça, e se leva para todas as mais ilhas por não haver em nenhuma d'ellas outro tal. Tem uma pedreira de pedra de cal, que tambem se leva para todas as ilhas, e a melhor droga e mercancia que d'aquella ilha sai, que parece quiz Nosso Senhor pôr isto n'ella e faltasse nas outras, para que assim communicasse com ellas, e cada dia vão e veem embarcações a buscar esta droga que não é de pouco proveito para os pobres da terra e mercantes, que em a ir buscar e trazer ganham seus fretes. Tem muito bons pastos, alguns mattos, e as terras lavradias não são muito fecundas em trigo, mas o que dão é tão bom como o do Alemtejo.

«Foi povoada esta ilha de Santa Maria de gente mui principal e de nobres appellidos, como sãoVelhos, parentes do primeiro capitão e povoador, Sousas, Soares, Quentaes e outros que ainda hoje em dia n'ella ha, por serem todos descendentes d'estes appellidos.»

Por ser assumpto bastante controvertido o descobrimento dos Açores, aproveitamos esta occasião para aqui deixarmos registada a opinião de Fr. Diogo das Chagas, que vamos transcrever:

«No anno de 1441 *(o infante D. Henrique)* mandou a Tristão Gonçalves e a Nuno Tristão com outros dois navios, os quaes, tornando áquelles desertos *(de Africa)* depois de um grande combate, captivaram 10 mouros que venderam por 10 negros de cabello revolto e uma grande quantidade de oiro, e com isto vieram dar conta ao infante do que tinham feito. Logo no anno de 1443 tornou áquellas partes Nuno Tristão (outros dizem que foi um Antonio Loulé) e descobriu as ilhas de Argim e as das Garças até á Serra Leôa, e d'ellas trouxe a Portugal mais de 30 negros captivos, com que se admiraram todos pela novidade d'aquella gente que nunca tinham visto; d'ahi a alguns annos mais, ou pode ser logo no mesmo anno, mandou o mesmo Nuno Tristão, que descobriu ávante de Cabó Verde 60 leguas da costa da Guiné, indo em sua companhia Alvaro Tristão da Camara. E passando de Cabo Verde para o norte 60 leguas, digo, 100 leguas, *se descobriram as ilhas dos Açores que o infante mandou povoar no anno de 1449, e assim que estes foram seus primeiros descobridores, e foi seu descobrimento do anno de 1443 até o anno de 1449, em que se começaram a povoar, não todas juntamente mas umas apoz outras,* como tratando de cada uma d'ellas em particular diremos.

«Que fosse seu descobrimento por este tempo, dito Luiz Coelho de Barbuda nas suas *Emprezas militares*, fl. 97, Damião de Goes na chronica que compoz de el-rei D. João, o beato doutor Gaspar Fructuoso no seu livro manuscripto, dizendo haver lido em João de Barros no L. II, cap. I, da I decada que escreveu de el-rei D. Affonso V, dizer o dito chronista achar nos livros da fazenda de sua alteza haver dado licença ao infante D. Henrique no anno de 1449 para mandar povoar as ilhas dos Açores, que já n'aquelle tempo tinha descobertas e lhe tinha mandado lançar gado, de que depois seus povoadores se aproveitaram, como eu achei em o tomo da camara de Villa Franca, na demanda que a camara correu com o conde por querer ser senhor de vassallos, dizer o procurador da côrte em um artigo do libello que contra elle veiu, que provaria em como no anno de 1444 el-rei D. Affonso V fizera *(doação)* ao infante D. Henrique das ilhas dos Açores pelas ter descobertas e das jurisdicções d'ellas, etc. D'onde ainda que não falam ao certo nos annos que um diz achar ser feita a mercê em 44, outro em 49, *comtudo sempre ficam concordando no tempo em que dizemos haverem sido descobertas, que foi de 1443 até 1449.*»

O padre Cordeiro na sua *Historia Insulana* tambem refere que, reinando em Portugal D. João I, o infante D. Henrique mandou de Sagres Gonçalo Velho Cabral «com ordem que navegasse direitamente ao poente e descobrisse a primeira ilha, tomasse d'ella noticias e lh'as trouxesse» o que elle fez, com effeito, ao cabo de poucos dias de viagem, descobrindo em 15 de agosto de 1432, dia de Nossa Senhora da Assumpção, uma ilha a que por esse motivo poz o nome de Santa Maria, e na qual desembarcou no sitio que chamam Praia de Lobos.

Movido, talvez, do proposito de realçar pelo maravilhoso esse grandissimo commettimento, refere ainda o ingenuo chronista Fr. Diogo das Chagas, que, segundo tradições muito antigas, o infante D. Fernando, logo depois de começarem a povoar-se as ilhas, inquirira de alguns homens, vindos de lá, se os arvoredos eram grandes. Responderam-lhe «que eram de monstruosidade rara em grossura e altura;» e o infante ainda lhes perguntou «se tinham as raizes por cima da terra á vista ou se fundeavam de modo que não podiam ser vistas, e dizendo lhe que em partes as tinham que se podiam cortar e fazer em toros, e cruzavam umas com outras, elle, como prophetizando, disse: — Os primeiros povoadores d'essas ilhas roçarão e trabalharão, e seus filhos semearão, os netos venderão e os mais descendentes fugirão d'ellas; o que assim aconteceu, conforme o que até agora os tempos nos tem mostrado; foi emfim prophecia de principe tão catholico e christianissimo, como foi o infante D. Fernando, havida não só de seu virtuoso espirito inspirado do Espirito Santo (que assim se pode por sua virtude e bondade presumir), mas do bom entendimento que Deus lhe deu, que pelas raizes das arvores não fundearem entendeu não ser a terra das ilhas mui fundavel, e que toda a sua substancia devia ter na superficie, e que essa com os tempos e chuvas se havia gastar, como gastou, e descobrir sua ossada, como descobriu, e os naturaes não se poderem sustentar n'ellas, e obrigados da pobreza tratariam de ir buscar sua vida a outras terras, como foram, e cada dia vão para a India, Brazil, Maranhão, e ainda para as Indias de Castella e outras muitas partes.»

Ha na ilha de Santa Maria uma villa, tres aldeias e sessenta e oito logares, com 6.339 habitantes.

A villa do Porto é séde da freguezia matriz de Nossa Senhora da Assumpção, e as tres aldeias são conhecidas pelo orago de cada uma das freguezias que n'ellas ha: — S. Pedro, Santa Barbara e Santo Espirito. Além das respectivas egrejas, contam se ainda vinte e tres ermidas, estando dezoito a cargo das juntas de parochia, e cinco de particulares.

A' freguezia matriz pertencem os logares de Salvaterra, Valverde, Carreira, Brazil, Praia, Barreiro, Farropo, Ladeiras do nascente, Ladeiras do poente, Almagreira do nascente, Almagreira do poente, Bom despacho, Monteiro, Ribeira das Covas, Graça, Ribeira de S. Domingos, Arrifes e Covas, Roza baixa do nascente, Roza baixa do poente, Sant'Anna e Senhora dos Anjos. — 2.606 habitantes.

A' freguezia de S. Pedro pertencem os logares do Outeiro, Flor da rosa alta, Paul de baixo, Paul de cima, Faneca, Chã de João Thomé, Feteiras, Alto do nascente, Alto do poente, Covões, Ribeira do engenho, Banda d'além, Courellas e Canivaes. — 888 habitantes.

A' freguezia de Santa Barbara pertencem os logares do Barreiro, Norte, Lagos, Poço grande, Lagoinhas, Feteiras, Ribeira de Amaro, Covão da mula, Grota do meirinho, Forno, Arrebentão, Pico do penedo, Polsigas, Tronqueira, Boa Vista, e S. Lourenço. — 1.071 habitantes.

A' freguezia de Santo Espirito pertencem os logares de Mal-busca, Panasco, Nossa Senhora da Gloria, Termo da cruz, Cruz de almagra, Cardal, Boa Vista, Fonte do Jordão, Terra do Raposo, Calheta, Lapa, Outeiro, Feteirinha, Almas, Santo Antonio, Azenha de cima, Azenha de baixo, Loural e Maia. — 1.774 habitantes.

A Villa do Porto é cabeça de comarca de 3.ª classe, no districto da relação dos Açores, e sede do concelho d'aquella denominação, no districto administrativo de Ponta Delgada. Tem um hospital de misericordia, uma eschola de instrucção primaria, delegações da alfandega e capitania do porto, bem como uma secção da guarda fiscal da cidade de Ponta Delgada.

A ilha de Santa Maria é circumdada por cinco ilheos, denominados da Ribeira secca, do Mar da barca, dos Frades, das Lagoinhas e de S. Lourenço ou do Romeiro; dezeseis pontas: — da Força, do Chamusco, do Ponderado, do Cabrestante, do Furado, Ponta ruiva, de João Luiz, do Norte, de Barbara Vaz ou dos Altares, Ponta negra, da Fetirinha ou Salina, dos Cedros, do Castello, do Penedo das armas, de Mal busca, e de Marvão; vinte e seis picos: — de Maria Dias, do Milhafre, do Nicolau, das Flores, do Saramago, do Capitão Luiz de Figueiredo, das Mentiras, do Facho (da villa), d'El-rei, do Facho (de Santa Barbara), do Burro, Pico alto, do Penedo, do Cavalleiro, da Eira alta, da Azenha, Pico calvo, da Pedra, do Alcaide, da Terra do camello, da Terra das ovelhas, do Facho (de Santo Espirito), do Poente, da Burra, do Mathias de Andrade e dos Meloaes; dois montes: — Gordo e Delgado, além da cordilheira que atravessa a ilha, entre o termo da Almagreira e Santa Barbara, denominada dos Picos, e tres praias, que são a do Porto da Villa, a de S. Lourenço e a de Lobos.

Na opinião de um escriptor insulano que fez, ainda não ha muitos annos, um detido e minucioso estudo de Santa Maria, é esta ilha a mais interessante do archipelago, considerada do ponto de vista geologico, pelas elevações prominentes, secções variadas e claras que apresenta vista do mar, e porque explorada no interior offerece uma superficie caracterizada por differentes elementos geologicos e qualidades de terreno, segundo a acamação primitiva de suas partes.

Situada em 15,°57′ e 15″ de longitude occidental, e 36,°58′ e 45″ de latitude septentrional, a ilha de Santa Maria tem a forma de um trapesoide irregular, e estende-se por 25 kilometros de comprimento de leste a oeste, e 15 na sua maior largura de norte a sul. Sendo de 150 pés a sua altura da costa, sobe a 350 no interior; o Pico alto tem 1889 pés de elevação, e d'elle corre para su-sudueste uma cordilheira de 800 pés, proximamente, que vae terminar na ponta do Castello.

A ilha de Santa Maria tem clima sadio, temperado e pouco humido, boas aguas, excellentes fructos, sobretudo laranja e banana prata, e é abundantissima em coelhos, pombos e perdizes. Produz annualmente cerca de 1.000 moios de trigo e 600 de milho, e cria muitos gados, mas de pouca corpulencia, e magros por falta de pastagens. Um dos ramos principaes da sua exportação é a louça vermelha ou de barro, canos, tijolo e telha, de que se abastecem as outras ilhas. E tem boas estradas, sendo a melhor de todas a que vae da Villa do Porto ao porto de S. Lourenço, onde annualmente concorrem as familias principaes da ilha na quadra dos banhos do mar.

A Villa do Porto foi a primeira povoação que houve nos Açores, denominação proveniente dos seus descobridores terem confundido as aves de rapina, que ali ha *(falco-buteo)*, com o açor. Edificada sobre uma encosta, perto do mar, está voltada ao sudoeste, entre as pontas de Marvão, a sueste; e da Força, a oeste, que formam uma enseada pequena. E é esse o primeiro porto do archipelago açoriano em que toca o paquete que sae de Lisboa a 20 de cada mez, com escala pela Madeira.

Alberto Telles.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XVI

— Irmão, disse um frade, penetrando no calaboiço e dirigindo-se ao mancebo: É chegada a hora dos vossos interrogatorios. Acompanhae-me.

Samuel fitou estupidamente o dominico, e em seguida sahiu para fóra da prisão.

Cá fóra esperavam-o dois alabardeiros, mal encarados, brutaes.

Caminharam.

Na rectaguarda do grupo seguia a muito custo o inquisidor, em razão da propria obesidade.

Não era esta decerto a melhor prova d'aturadas penitencias e repetidos jejuns.

Na passagem, teve o mancebo occasião de vêr grande copia d'infelizes — pallidos como a morte — abeirarem-se das grades dos carceres e pedir em alta grita o termo de seus martyrios!...

Outros não appareciam, mas soltavam queixumes tão sentidos que cortavam o coração.

O frade obêso não se incommodava com coisa alguma.

Para elle, estes lamentos intimos não tinham significação!!!

Após seis minutos de caminho penetrou o grupo na casa do tribunal.

Sobre um tablado, que se elevava do chão pouco mais de meio covado, e recostados ao fôfo espaldar de custosas cadeiras, viam-se trez frades de S. Domingos, tendo na sua frente um venerando crucifixo —, testemunha silenciosa das mais ferozes perversões.

N'uma mesa separada das dos inquisidores, mas collocada tambem n'uma parte do tablado, encontrava se um notario no seu tabardo escuro, manejando uma penna de pato, que deixava exoticos caracteres sobre uma folha de pergaminho

No outro nivel da sala sobresahiam alguns equuleos ou pôtros, apparelhos de suspensão, grandes funis para a prova d'agua, e outros identicos petrechos de horroroso supplicio: e, junto de tudo isto, estacionavam dois algozes, que aguardavam silenciosamente as ordens do tribunal.

Samuel foi convidado a aproximar-se d'um dos juizes.

— Irmão, começou elle com embusteira brandura: sabeis que *santo logar* é este?

O mancebo respondeu com um gesto affirmativo.

— Pois bem. Em nome da Santissima Trindade vos emprazo a responder-me: Sobre vós pesa a responsabilidade d'um delicto enormissimo, como é o de judaisar. Mas primeiramente respondei-me a outras perguntas, que nada teem com o vosso processo: Fostes hontem á reunião do nobre duque d'Aveiro?

— Sim... fui; respondeu o mancebo, que não sabia como e porque o accusavam de judaisante.

— E que se passou alli? tornou o inquisidor.

Samuel não respondeu logo.

Intelligente e perspicaz, notou de prompto que o crime que lhe imputavam era apenas um pretexto para o seguimento do processo, e que, no fundo, a causa da sua reclusão nas masmorras do Santo Officio, derivava de receios, talvez, que os frades conjurados tivessem ácerca da sua firmesa e da sua fidelidade.

E, em parte, os inquisidores não se haviam illudido.

Samuel, caracter digno e nobre, se bem que não estivesse resolvido a fazer parte do numero dos regicidas, era comtudo incapaz de se prestar a delactor.

Após estas considerações, formuladas rapidamente, o mancebo tomou a palavra e respondeu:

— O que se passou em casa do duque d'Aveiro, já vós de sobra o sabeis.

Os inquisidores, fitando-se de soslaio, combinaram por um gesto uma outra direcção.

— Dizei-me, accudiu outro juiz: Confessaes que haveis affrontado a nossa santa fé, por meio de praticas reprovadas pelos preceitos da santa religião catholica?

— É falso! declarou o interrogado com toda a força e convicção da sua propria innocencia.

— Não aggraveis a vossa sorte insistindo em negar o delicto de que vos argúem.

— Mas eu estou innocente, senhores. Sou christão velho, e como tal observador de todos os mandamentos da Santa Madre Egreja.

— Se continuaes pelo caminho da negativa, mandar-vos-hei estender n'aquelle pôtro, que se encarregará d'arrancar-vos a confissão.

— Embora, senhores Eu é que não posso confessar-me réu d'um delicto que não pratiquei, nem jámais praticarei.

A um signal d'um dos frades, os dois carrascos precipitaram-se sobre o infeliz, que arrastaram para o equuleo, e a quem, decorridos alguns segundos, apertavam deshumanamente, produzindo-lhe horriveis dôres.

— Dizei irmão, solicitava um dos malvados, revestindo de hypocrisia os gestos e as palavras: Confessaes que sois judaisante?

— Confesso tudo quanto vós desejardes; mas tirae-me d'este terrivel aperto, onde me estalam os ossos!.. Por piedade, senhores!... Eu morro aqui!... Ai!... ai!... ai!...

— Dizei mais, meu irmão: Estaes resolvido a seguir todas as resoluções dos conjurados?

— Nunca, senhores!... Ai! .. ai!.. ai!...

— Sois então um espião dos actos do nobre duque e dos seus consocios?...

— Não sou!... Nunca fui delactor!... Ai! meu Deus!... Que dôres horriveis!... Que horrorosa situação!.. Por piedade!... por piedade!... Confessei tudo!... Terminae esta tortura!... Ai!... ai!... ai!..

Por ordem d'um dos inquisidores suspendeu-se a prova.

A um gesto dos Torquemadas, os alabardeiros conduziram o *réu* á enxovia.

— Nunca me enganei nas minhas supposições; disse aquelle dominico que o leitor já viu na reunião do duque, o qual assistiu occultamente aos interrogatorios de Samuel.

— A cau-a do clero e da nobreza deve-vos um relevante serviço; affirmou um dos juizes: Por que este homem, a meu vêr, não passa d'um espião do abominavel ministro do Rei devasso.

— Certamente; confirmou o notario. E quer destino pensaes dar a este infame e miseravel?

— Queimal-o no primeiro auto de fé! bradaram ao mesmo tempo os trez frades!...

XVII

Samuel?!... Samuel?!... bradou Branca, depois de recuperados os sentidos.

Mas Samuel não lhe podia responder.

Interrogasse a tenue viração do Norte, e talvez ella lhe transmittisse os gemidos que o mancebo soltava no seu carcere, obrigado pelas dôres que lhe havia produzido a prova.

Branca ergueu-se então d'um pulo, abriu desmesuradamente os seus grandes olhos azues, levou as mãos aos cabellos em desordem e percorreu com a vista os quatro cantos da mansarda.

As ultimas nebulosidades da razão, provenientes do deliquio, dissiparam-se por ultimo, e a desgraçada creança media agora bem toda a grandeza da sua infelicidade.

Recordava-se já dos *irmãos-negros* e da prisão de Samuel.

Meditou.

Era lhe necessario arrancar o recluso das masmorras do Rocio.

Mas... como?... De que modo, se ella era uma debil mulher, que se fortalecia apenas nos affectos que consagrava a seu irmão?

A occasião faz os heroes.

....

Começava a noite a expandir se em sombras.

Branca, indifferente a todos os perigos, encaminhou-se para o palacio do Santo Officio.

Pelas ruas da cidade era pequena a concorrencia.

A illuminação publica, introduzida em Lisboa em mil setecentos e noventa e um pelo famoso intendente da policia Pina Manique, existia ainda em mente do celebre engenheiro Castro, cujos candieiros inventou em mil setecentos e oitenta e oito.

Era em razão da falta de luz e descuido das rondas da policia, que mais dormiam do que velavam, que n'aquella época o roubo e o assassinato se acoutavam nas ruas mais publicas de Lisboa, a despeito da energia da justiça, que proferia constantemente sentenças de degredo e de morte.

A noite foi pois seguindo o seu curso, e já raro se ouvia o gemer das arêas sob os pés dos transeuntes, quando a donzella chegou ao Rocio.

Embuçada no seu comprido roupão escuro, que lhe dava a apparencia d'um familiar da inquisição, percorreu differentes vezes o amplo largo em procura d'alguem, que infelizmente não apparecia.

— E se lhe mandasse recado ao tribunal? interrogava-se a orphã em soliloquio. — Não. Esperarei. Elle hade sahir do palacio, e de certo passará aqui.

Sentou-se.

Dentro do tribunal do Santo Officio, a poucos passos do local onde Branca descançava, ia um bulicio enorme.

As victimas gemiam nos seus carceres; os alabardeiros arranjavam as suas armas e vestimentas; os algozes preparavam sambenitos, carochas lenha e alcatrão; e, finalmente, tomavam-se todas as precauções para que, dez horas depois, nada faltasse ao costumado *luzimento* do *auto de fé* monstro, que devia realisar-se...

O programma da *tragica* festa já estava feito.

Compareceria a côrte, e haveria procissão de *carrascos* e *pacientes* pelas ruas da baixa.

Uma cruz alçada, ladeada por dois frades, abriria o infame cortejo. Seguiriam depois duas alas tambem de frades entoando psalmos; erguer-se-hiam do meio das mesmas alas alguns paineis de santos e santas; seguiriam logo os condemnados a differentes penas, vestindo sambenitos com *fogo revolto* ou não; e fecharia o sequito um troço d'archeiros, — guarda policial da inquisição.

Percorridas as ruas do programma, recolheria a procissão ao palacio do Santo Officio, d'onde sahiriam, de novo, para o supplicio da fogueira, todos aquelles réus que houvessem sido condemnados a morrer.

Ponhamos ponto aqui em similhante monstruosidade, e aproximemos-nos da irmã de Samuel.

A donzella dorme profundamente, e sonha com seu irmão.

Nos labios côr de rosa paira-lhe um sorriso angelical.

E' que o somno é sereno e limpido como a sua alma.

Que feliz idéa seria a d'ella, — idéa em que fazia consistir todas as suas esperanças ácerca da salvação do mancebo?

Aguardemos a opportunidade, e appliquemos agora as attenções a tres vultos que, descendo á calçada do Carmo, e entrando no Rocio, se occultam entre umas obras do Santo Officio, a dois passos do sitio onde Branca estaciona.

— Aqui; disse um d'elles aos companheiros.

— Cuidado com a ronda.

— Ora adeus! As rondas inventaram-se para dormir, e muito bom é para a nossa industria que ellas durmam

— Vamos aos quinhões: Estende ahi o ouro, mas devagar, que não vá o tinir das peças desafiar a cubiça dos *santos* inquisidores...

— Irra! Para nos ficarem com o dinheiro, eram capazes até de nos accusarem de judeus.

E procederam immediatamente a partilhas, á luz d'uma lanterna de *furta-fogo*, que traziam, ao mesmo tempo que Branca despertava.

— Dize-me tu, ó hespanhol: Tens a perfeita certeza de que o *gajo* ficou bem *teso*?...

— Deus te livre de receber a *esmola* que elle recebeu. Logo á primeira navalhada ficou mesmo como um passarinho.

— Quantas gramou elle?

— Seis. Mas cinco eram muito bem escusadas; lá isso eram.

Feitas as divisões do roubo, — pois fôra um roubo e um assassinato o que os bandidos vinham de praticar —, sahiram d'entre o montão de pedras, onde se occultaram, e dispunham-se a partir, quando um d'elles divisou um vulto a pequenissima distancia

— Com uma grosa de diabos!... exclamou elle a meia voz, dirigindo-se aos companheiros: Querem vossês vêr que estamos descobertos?!...

— Como assim?!... interrogou um segundo, fazendo estalar nas suas molas uma enormissima navalha.

— Pois não vêem, continuou o primeiro, que alguem nos tem espreitado d'alli?

E indicou Branca, que, de facto, tinha escutado, horrorisada, todo o dialogo dos scelerados.

— Ah! não se assustem; disse por sua vez aquelle que dava pela alcunha de hespanhol: Eu vou ver quem é o imprudente. E visto ter andado esta noite com as *mãos na massa*, não terei a menor duvida em fazer mais uma sangria. Vossês ámanhã *trabalharão* por mim...

E, dito isto, avançou para a donzella, que tremia como um sezonatico.

— Por Santo Hilario!... bradou o monstro, mettendo a lanterna á cara da pobre orphã, que, soltando um grito pungente, cahiu no chão desmaiada: — Venham vêr depresssa o que a fortuna nos reservou.

Os restantes malfeitores correram ao convite do hespanhol.

— Que excellente achado! — disseram. — Levemol-a, levemol-a emquanto *não vem a si*.

E erguendo a desfallecida donzella, collocaram-a nos braços musculosos d'um dos do grupo, e desappareceram depois, rapidamente, além do obstruido largo.

(Continúa.)

NOVIDADES DA SCIENCIA

Carruagem electrica. — Não obstante os maravilhosos progressos realisados há alguns annos na electricidade, e o desenvolvimento consideravel de suas applicações á tracção dos carros, não se tem feito até aqui senão ensaios, e muito poucos para a sua utilidade nas carruagens de 4 rodas.

Assistimos a um facto analogo ao que se produz no estudo da applicação do motor a vapor da tracção dos vehiculos. Com effeito ainda que a idéa das locomotivas seja já muito antiga, não é n'estes ultimos annos que se chegam a realisar carruagens a vapor tão ligeiras e d'uma conducção sufficientemente facil para poderem ser verdadeiramente consideradas como praticas. As descripções dadas na *Revista* das carruagens a vapor Serpollet, Mérelle, e de suas analogas, as carruagens a petroleo Panhard e Levassor e outras, mostram bem o grau de aperfeiçoamento alcançado na construcção d'estes vehiculos. Não obstante isto, subsistem ainda certos inconvenientes que explicam a hesitação que experimentam muitas pessoas com a questão dos motores para se servirem d'estas carruagens.

O motor, qualquer que seja a simplicidade de sua construcção, comporta sempre peças susceptiveis de se partirem ou de se amolgarem com a continuação dos solavancos e dos choques inevitaveis mesmo sobre as melhores estradas, e que não é possivel substituirem-se ou repararem-se, senão sob a mão d'um operario capaz e d'uma boa ferramenta, que quasi sempre faltam fóra dos grandes centros de população.

Ainda mais, a machina exige durante a marcha uma vigilancia e uma manutenção, continuas E' preciso, pois, que o conductor seja acompanhado, d'um ajudante encarregado d'estes cuidados, o que augmenta sensivelmente os gastos da tracção.

Estes inconvenientes desapparecem quasi completamente quando se substitue a electricidade ao vapor.

A carroagem electrica de que publicamos a gravura, foi construida e estudada pela fabrica electrica de Saint-Ouen.

E' accionada por uma machina dynamo con-

struida nos ateliers da Sociedade, para a transmissão da força pela electricidade. Esta machina da força de 3 cavallos, é d'um typo especial e tem a velocidade de 2:000 rotações, debaixo de uma tensão de 100 voltas.

A arvore do dynamo tem uma roda de engrenagem que vem accionar uma outra roda tambem de engrenagem e contendo interiormente um movimento differencial; nas duas extremidades da arvore d'este movimento acham-se duas rodas dentadas que servem para receber, e para accionar as cadeias que dão o movimento ás rodas motrizes. O emprego do movimento differencial e a excentricidade dos dois extremos da arvore fazendo as rodas dentadas accionar o eixo motor, fazem com que logo se imprima um movimento para a direita ou para a esquerda á roda de direcção, e o esforço sobre a roda motriz opposta, augmentando, obriga o movimento de rotação do dynamo, o que permitte manobrar com a maior facilidade.

Quando a direcção da carruagem se torna rectilinea, a acção do motor é egual sobre as duas rodas dentadas que se movem, então, simultaneamente.

Como se vê este systema é muito simples, e seria ainda mais facil empregando uma arvore motor fazendo o movimento differencial obter uma maior ligeireza. A corrente empregada para funccionamento do dynamo é fornecida por 48 accumuladores da Sociedade para o trabalho electrico dos metaes, systema Laurent Cély, do peso de 8 kilogrammas e tendo uma capacidade de 18 horas por kilogramma de placa util.

As differentes velocidades obteem-se por tres agrupamentos successivos dos accumuladores.

Para a pequena velocidade, empregam se quatro baterias de doze elementos, a tensão é então de 25 voltas no regimen de descarga, e a velocidade correspondente da carruagem é de tres mil e quinhentos metros.

A meia velacidade obtem-se com 2 baterias de 24 elementos dando á descarga uma tensão de 50 voltas e transmittindo á carruagem uma velocidade pouco mais ou menos de 7k,500. Emfim, a grande velocidade, debaixo de uma tensão de 100 voltas no regimen de descarga, é obtida pela collocação em serie de 48 accumuladores.

Com este regimen, nos diversos ensaios que se tem feito sobre rodas, em macadans, não tendo em conta os declives e as ladeiras, a velocidade obtida foi de 16 kil. 800. Esta carruagem, no seu maior andamento, póde attingir, sem parar, uma distancia de 35 kilometros, e nas condições de marcha ordinaria póde percorrer uma distancia média de 45 a 50 kilometros.

O conductor colloca-se sobre o assento como nas carruagens ordinarias; tem deante de si o volante servindo para a direcção e á sua direita o travão. Este travão, analogo aos empregados para a manobra dos discos de caminho de ferro, move um combinador que produz os differentes agrupamentos dos accumuladores e permitte, appoiando-se sobre uma alavanca collocada parallelamente ao cabo recuar instantaneamente.

Para isto, esta alavanca agita-se no meio d'um dente sobre um commutador em duas direcções, que muda o sentido da corrente na machina, e por isso mesmo o sentido de rotoção.

Sobre o lado esquerdo da carruagem são collocados dois transmissores que permittem carregar os accumuladores sem sahirem de sua caixa.

A lanterna collocada deante do carro conduz uma lampada de incandescencia tendo uma propriedade allumiadora tão grande que permitte ao conductor ver a uma distancia de mais de quinze metros.

Esta lampada é alimentada por dois accumuladores collocados na pequena caixa que forma a parte deanteira da carruagem.

Os resultados dados por este modelo são muito satisfatorios e permittem convencer bem das vantagens que apresentaria o emprego de similhantes carruagens nos grandes centros, onde é sempre facil renovar os accumuladores.

Para que o seu uso se torne absolutamente pratico seria entretanto necessario, julgamos nós, que se chegasse, sem augmentar muito o peso da carruagem a munil-a d'um numero de accumuladores sufficiente para uma marcha de doze ou quatorze horas, fazendo-se o carregamento durante a noite.

D'esta maneira, as companhias de viação não seriam obrigadas a dobrar o seu material como actualmente e, ao contrario, teriam uma economia consideravel supprimindo a tracção animal e empregando a tracção electrica.

R. A.

REVISTA POLITICA

No momento em que escrevemos esta revista correm, com insistencia, boatos de crise ministerial, e os diversos jornaes politicos fazem-se echo d'esses boatos, lamentando alguns o facto, attenta a situação excepcional em que o paiz se encontra na occasião presente.

Afinal não será mais que uma tempestade n'um copo d'agua, muito menos provavel e muito mais benigna que a tempestade annunciada pelo saragoçano, para o dia 21 do corrente.

Temos muito mais receio das prophecias do saragoçano, do que dos taes boatos, que a boa rasão e bom criterio, não podem aceitar na actual situação.

CARRUAGEM ELECTRICA
(Vid. artigo «Novidades da Sciencia»)

Deve andar n'isto por força intriguinhas eleitoraes, effeitos de galopinagem, pois já começa a sahir da toca, a por-se em campo, com o civismo que a caracterisa e o amor da patria nunca mentido.

Só receiavamos crise ministerial, por causa do *Canellão*, como dissemos em nossa revista passada, mas o decreto do sr. José Dias, a respeito dos estudantes da Universidade, veio mostrar que o governo não treme, pelo menos para os estudantes, e então nada de mais crises, quer-se tudo desafogado a principiar pelo thesouro, apesar da muita vontade com que elle está de se enforcar, ou antes de dar mais um apertosinho ao nó que lhe anda muito proximo das guellas.

Para esse apertosinho ninguem mais desembaraçado e lepido que o sr. Conde de Burnay, verdadeiro benemerito d'estes reinos, que tem andado em uma roda viva de Lisboa para Paris e para Londres, de Londres para Paris, de Paris para Lisboa, de Lisboa para Paris. Uff! que já não podemos acompanhar sua ex.ª na sua carreira vertiginosa de um verdadeiro endemoninhado, e tudo isto para salvar esta sua patria adoptiva, dos grandes apuros em que se vê por causa de tantas visitas a Londres e a Paris.

Já é dedicação, e ainda que os portuguezes pozessem o nariz onde sua ex.ª põe os pés, não lhe pagavam tantas finezas.

Afinal não podemos ainda atinar ao certo com a razão que determinou a ida a Paris do sr. Antonio de Serpa. Bastava que fosse o sr. Burnay tratar do convenio e do emprestimo, porque assim com assim tudo isto não passa de uma roupa de francezes, e ser roupa de francezes ou ser roupa de belgas vem a dar na mesma cousa.

O sr. Serpa tem tido em Paris repetidas conferencias, sem que os medicos concordassem ainda sobre o tratamento para curar o mal, salvo seja, que quando dizemos medicos deve entender se agiotas, ou por outra, quando dizemos agiotas queremos dizer representantes dos possuidores da divida portugueza no estrangeiro, no que nos parece, que andamos ás voltas com *O Espirito de Sua Ex.ª* que tem d'estas graças ou trocadilhos muito espirituosos. Lá isso é verdade. *Escusam de procurar que não ha outro!*

Não procuremos pois, e vejamos se no manifesto que o partido progressista acaba de dirigir ao paiz, encontramos alguma cousa que possa alegrar o leitor, alguma idéa salvadora que desterre para longe de nos a *macaca* com que temos andado, e nos traga uma *Mascotte* que nos desenguice.

Vâmos lendo, lendo até ao fim, porque pode no principio não dizer nada e guardar se para o fim, para a peça de effeito final como no fogo de vistas.

Cá está:

«Acima, porém, de tudo a missão que o partido progressista se impõe *na actual conjunctura*, (o sublinhado é nosso, n'outra conjunctura não seria assim) não o esquece elle, (isso sim) é de procurar (pois procure, procure) bem merecer a confiança do paiz, que jámais (jámais nunca) faltou ao grupo de homens que, dirigidos por Passos, Loulé, Sá da Bandeira, bispo de Vizeu e Braamcamp, (já morreram todos) se devotaram (e com que devoção) á pratica de uma politica austera, (abstinencia completa) liberal, (vid. eleições) e economica (economica sobretudo, que o diga o sr. Marianno de Carvalho principalmente).

Que tal!? Não se pode exigir mais em vespera de eleições.

Agora preparemo-nos para o outro manifesto, que não deixará de apparecer a lume, apesar de nada se dizer a tal respeito.

Alguem havia de sahir primeiro, e portanto o regenerador não se deve fazer esperar.

E d'ahi talvez não appareça, porque afinal um pode servir para os dois, *ab uno disce omnes*.

As idéas que faltam no manifesto a que vimos de nos referir, sobram do decreto que manda pôr a concurso o theatro de D. Maria.

E senão vejam lá os leitores se pode haver idéa mais nova, mais original, mais imprevista.

Entre os vinte e tantos artigos do decreto encontramos um que obriga a empreza concessionaria a prestar o theatro para as provas publicas dos discipulos do conservatorio, permittindo que elles possam representar qualquer peça ensaiada pelo director do mesmo conservatorio.

Isto podia ser muito bom se o conservatorio tivesse discipulos de arte dramatica, mas como as aulas de declamação e arte de representar, acabaram por ordem do mesmo governo, está n'isto a originalidade da idéa.

Ora aqui está como as cousas publicas andam. Ninguem se entende, nem os proprios legisladores, com tantas reformas sobre reformas, até que fique tudo reformado, na disponibilidade ou addido, a ganhar dinheiro sem fazer nada, vindo por fim a reforma geral de ninguem ganhar nada mesmo que queira fazer alguma cousa.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41